



AEVF

Escola Secundária de Vergílio Ferreira
Ciências e Tecnologia

**Poder Político vs. Poder Religioso
em “Memorial do Convento”**

Cláudia Oliveira 12.º4 nº4

Sara Bessa 12.º4 nº23

Ano (2025/26)

Resumo

O objetivo principal deste trabalho é examinar a aliança entre D. João V e a Igreja Católica em Memorial do Convento, destacando a hipocrisia e imoralidade dos dois poderes e analisando o papel que o Santo Ofício, o fanatismo religioso e os Autos de Fé como ferramentas de repressão social.

Deste modo, o trabalho baseia-se numa análise interpretativa da obra, recorrendo à seleção e interpretação de citações relevantes que ilustram os temas abordados, bem como à consulta de outros documentos como fontes de apoio.

Índice:

Resumo.....	1
Índice:.....	2
1. Introdução:.....	3
2. Enquadramento da Obra e do Contexto Histórico.....	4
2.1 A obra Memorial do Convento.....	4
2.2. O contexto histórico do reinado de D. João V.....	5
3. O Poder de D. João V: Luxo, Desperdício e Autoritarismo.....	6
3.1. Dissipação do ouro do Brasil.....	6
3.2. Megalomania e carácter imoral.....	8
4. Crítica à Igreja: Hipocrisia e Práticas Retrógradas.....	11
4.1. Contradições no comportamento religioso.....	11
4.2. Corrupção e imoralidade do clero.....	13
4.3. O fanatismo religioso.....	15
5. Poder Político vs. Poder Religioso.....	17
5.1. A aliança entre o rei e a Igreja.....	17
5.2. O papel da Inquisição Portuguesa e do Santo Ofício.....	20
5.3. Repressão e Violência: os Autos de Fé.....	22
5.4. O Povo: Miséria, Sofrimento e Exploração.....	24
6. Conclusão.....	25
7. Bibliografia.....	26
8. Anexo 1.....	27

1. Introdução

No romance *Memorial do Convento*, de José Saramago, é retratada a sociedade portuguesa do século XVIII, durante o reinado de D. João V, marcada por uma forte ligação entre o poder político e o poder religioso. Ao longo da obra, o autor apresenta uma visão crítica dessa aliança, evidenciando como o rei e a Igreja se apoiavam mutuamente para manter o controlo sobre a população.

Neste contexto, ganha especial relevância a atuação da Inquisição Portuguesa e do Santo Ofício, associados a práticas de repressão, perseguição e imposição do medo, nomeadamente através dos autos de fé. Assim, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: de que forma a obra evidencia a relação entre o poder político e o poder religioso e quais são as suas consequências na sociedade representada?

Este tema é importante para a compreensão da crítica social presente na obra, permitindo analisar não só o contexto histórico, mas também a forma como o autor denuncia a hipocrisia e o fanatismo religioso.

Deste modo, o objetivo geral deste trabalho é analisar a representação da aliança entre o poder político e religioso em *Memorial do Convento*. Como objetivos específicos, pretende-se: compreender o papel de D. João V enquanto símbolo de poder absoluto; identificar a atuação da Inquisição e do Santo Ofício; e analisar de que forma o autor critica o fanatismo religioso e a repressão social.

Relativamente à metodologia, este trabalho baseia-se numa análise interpretativa da obra, recorrendo à seleção e interpretação de excertos relevantes que ilustram os temas abordados, bem como à consulta de fontes bibliográficas de apoio.

NOTA: todas as citações deste trabalho são retiradas de SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. 60.^a edição. Porto Editora, 2019.

2. Enquadramento da Obra e do Contexto Histórico

2.1 A obra *Memorial do Convento*

A obra *Memorial do Convento* de José Saramago, publicada em 1982, é um romance histórico que se passa durante o reinado de D. João V no século XVIII.

A ação centra-se na construção do convento de Mafra, prometida pelo rei caso tivesse um herdeiro, revelando desde logo a ligação entre o poder político e religioso.

Ao mesmo tempo, desenvolve-se a história de personagens como Baltasar e Blimunda, que representam o povo comum. Isto cria um contraste forte entre a vida luxuosa de corte e a miséria das pessoas comuns, especialmente na construção do convento onde as pessoas trabalham em condições muito duras.

Outro aspecto relevante da obra é a presença constante da Inquisição Portuguesa, que mostra o controlo e o medo que existiam na época. As perseguições e os autos de fé ajudam a mostrar a crítica do autor ao fanatismo religioso e a falta de liberdade.

Assim, *Memorial do Convento* não é apenas um romance histórico, mas também uma forte crítica social e política, na qual o autor denuncia a hipocrisia das instituições e dá voz aos que normalmente são esquecidos pela História.

2.2. O contexto histórico do reinado de D. João V

D. João V, segundo filho de D. Pedro II, foi rei de Portugal de 1706 até à sua morte em 1750.

Procurando copiar o reinado do abastado rei D. Luís XIV de França – sendo por vezes até apelidado de o Rei-Sol Português – o monarca investiu o ouro do Brasil na implementação de um estado absolutista, no ensino e numa vasta rede de obras monumentais no estilo barroco, tais como o Aqueduto das Águas Livres e o Convento de Mafra.

Utilizou, sobretudo, este luxo como forma de propaganda do seu reinado, com o objetivo de projetar Portugal como uma potência internacional. É-lhe, assim, atribuído pelos historiadores o cognome de “o Magnânimo”.

Numa outra vertente, o seu reinado foi também marcado por um extremo fervor religioso, diretamente ligado à Inquisição e ao Santo Ofício.

No entanto, tendo dado prioridade a produtos, matérias-primas e artesãos estrangeiros, quaisquer tentativas de fomentar o comércio e a manufatura do reino foram ultimamente insuficientes. Como resultado, é acusado de ter deixado definhar a indústria portuguesa, atrasando-a significativamente em relação aos restantes poderes europeus.

Na fase final do seu reinado, D. João V adoeceu e o ouro vindo do Brasil começou também a escassear, situação que levou o país à crise económica e à anarquia social. É, assim, um rei de legado controverso.

3. O Poder de D. João V: Luxo, Desperdício e Autoritarismo

3.1. Dissipação do ouro do Brasil

Apesar do reinado de D. João V ter coincidido com o período de maior afluxo de ouro brasileiro, esta riqueza nunca se traduziu em mudanças duradouras na qualidade de vida da população ou na indústria portuguesa.

Em vez de mostrar a devida gestão empreendedora, o rei, à semelhança dos restantes monarcas absolutistas da Europa, consumiu quase toda esta quantia na manutenção de uma corte faustosa e em gastos relacionados com o seu prestígio. De entre estes, destacam-se as suas procissões ricamente ornamentadas, festividades religiosas e a edificação do Convento de Mafra.

Começando com a promessa feita aos frades franciscanos, o convento rapidamente se transformou numa afirmação do seu poder – a obra grandiosa pela qual desejava ser lembrado:

“Também D. João V sonhará esta noite. Verá erguer-se do seu sexo uma árvore de Jessé, frondosa e toda povoada dos ascendentes de Cristo, até ao mesmo Cristo, herdeiro de todas as coroas, e depois dissipar-se a árvore e em seu lugar levantar-se, poderosamente, com altas colunas, torres sineiras, cúpulas e torreões, um convento de franciscanos, como se pode reconhecer pelo hábito de frei António de S. José, que está abrindo, de par em par, as portas da igreja. Não é vulgar em reis um temperamento assim, mas Portugal sempre foi bem servido deles”¹

Gravemente dispendiosa e de enormes dimensões, esta exigia competências técnicas das quais o país não dispunha. Assim, foram contratados artistas e arquitetos estrangeiros e importadas obras de arte e matérias-primas produzidas inteiramente fora de Portugal. As únicas exceções a esta prática foram o mármore do qual este foi construído e a mão-de-obra:

“Estas pedras são o primeiro alicerce do convento, alguém por ordem de el-rei mandou que as talhassem, pedras portuguesas afeiçoadas por portuguesas mãos, que ainda tempo não é de virem os Garvos milaneses a governar os alvenéis e canteiros que aqui se juntarão.”²

¹ SARAMAGO, José. Memorial do Convento. 60.^a edição. Porto Editora, 2019, p.17.

² Ibid., p. 118

Este hábito é também visível noutras partes da obra, sendo a infanta Maria Bárbara educada por professores estrangeiros, entre os quais Domenico Scarlatti.

Consequentemente, a maior parte do ouro do Brasil é direcionada diretamente para o estrangeiro, sem qualquer iniciativa por parte do rei de fomentar a economia portuguesa. O monarca exerce, assim, a sua autoridade absolutista descuidadamente, não de acordo com os interesses do país mas com os seus.

3.2. Megalomania e carácter imoral

À semelhança do seu equivalente histórico, D. João V evidencia um certo apreço pela cultura e inovação, razão pela qual contrata Domenico Scarlatti para ensinar música à infanta Maria Bárbara e porque oferece a sua proteção à passarola.

No entanto, o monarca eventualmente abandona este projeto, cansado de esperar por resultados e obcecado com a construção do Convento de Mafra, deixando o Padre Bartolomeu e as suas ideias inovadoras à mercê da Inquisição, como este temera:

“Mas, estando el-rei do nosso lado, o Santo Ofício não irá contra o gosto e a vontade de sua majestade, El-rei, sendo caso duvidoso, só fará o que o Santo Ofício lhe disser que faça.”³

Deste modo, a inação do rei, ao resultar na fuga e isolamento do Padre Bartolomeu, impediu figurativamente e literalmente o progresso científico do reino.

Ultimamente, o seu interesse na passarola fora passageiro, fruto apenas da sua juventude e caprichos – descrito até como um “brinquedo”:

“de el-rei não falemos, que sendo tão moço ainda gosta de brinquedos, por isso protege o padre, por isso se diverte tanto com as freiras nos mosteiros e as vai emprenhando, uma após outra, ou várias ao mesmo tempo, que quando acabar a sua história se hão de contar por dezenas os filhos assim arrançados”⁴

Por outro lado, esta passagem destaca também a sua hipocrisia religiosa. Apesar de compactuar com a Igreja e a Inquisição, D. João V entrega-se frequentemente aos prazeres da carne, tendo inúmeros casos extramaritais e uma abundância de filhos bastardos. Ademais, as mulheres com que se envolve são maioritariamente freiras e sustém ainda uma relação amorosa com a Madre Paula do Convento de Odivelas.

Porém, esta hipocrisia não é encarada como fonte de vergonha, mas sim de orgulho, digna do rei magnânimo e divino que ele se considera, como se vê através do seu diálogo interior:

“E eu, vosso rei, de Portugal, Algarves e o resto, que devotamente vou segurando uma destas sobredouradas varas, vede como se esforça um soberano para guardar, no temporal e no espiritual, pátria e povo, bem podia eu ter mandado em meu lugar um criado, um duque ou um marquês a fazer as vezes, porém, eis-me em pessoa, e também em pessoa os infantes meus manos e senhores vossos, ajoelhai. ajoelhai lá, porque vai

³ Ibid., p. 211

⁴ Ibid., pp. 97-98

passando a custódia e eu vou passando, Cristo vai dentro dela, dentro de mim a graça de ser rei na terra, ganhará qual dos dois, o que for de carne para sentir, eu, rei e varrasco, bem sabeis como as monjas são esposas do Senhor, é uma verdade santa, pois a mim como a Senhor me recebem nas suas camas, e é por ser eu o Senhor que gozam e suspiram segurando na mão o rosário, carne mística, misturada, confundida, enquanto os santos no oratório apuram o ouvido às ardentes palavras que debaixo do sobre-céu se murmuram, sobre-céu que sobre o céu está, este é o céu e não há melhor, e o Crucificado deixa pender a cabeça para o ombro, coitado, talvez dorido dos tormentos, talvez para melhor poder ver Paula quando se despe, talvez ciumento de se ver roubado desta esposa, flor de claustro perfumada de incenso, carne gloriosa, mas enfim, depois eu saio e lá lhe fica, se emprenhou, o filho é meu, não vale a pena mandar anunciar outra vez, vêm aí atrás os cantores entoando motetes e hinos sacros, e isso me está fazendo nascer uma ideia, não há como os reis para as terem, as ideias, senão como reinariam, virem as freiras de Odivelas cantar o Bendito ao quarto de Paula quando estivermos deitados, antes, durante e depois, ámen”⁵

Megalomaniaco e vaidoso, manda construir o Convento de Mafra à sua vontade, aumentando desproporcionalmente a escala do projeto e gastando dinheiro despreocupadamente.

Indiferente ao sofrimento dos pobres e oprimidos, submete os construtores do Convento a condições lastimáveis e a perigos desnecessários, como demonstrado na narração do transporte de uma pedra descomunal desde Pero Pinheiro a Mafra:

“Entre Pêro Pinheiro e Mafra gastaram oito dias completos. Quando entraram no terreiro, foi como se estivessem chegando duma guerra perdida, sujos, esfarrapados, sem riquezas. Toda a gente se admirava com o tamanho desmedido da pedra, Tão grande. Mas Baltasar murmurou, olhando a basílica, Tão pequena.”⁶

Esta tarefa, que exigiu seiscentos homens, quatrocentos bois e vinte carros com mantimentos, demorando oito dias e resultando na morte de um homem, podia ter sido significativamente facilitada. Para tal, bastaria dividir a pedra em porções mais diminutas. No entanto, tal não se concretizou, pelo simples motivo de que o engenheiro responsável desejava demonstrar a sua competência técnica e o poder de D. João V ao cravar uma varanda a partir de uma só pedra. A sequência demonstra, assim, o sacrifício do povo para a glória do rei.

⁵ Ibid., p. 170

⁶ Ibid., p. 291

Ocasionalmente, o monarca exibe alguns momentos de caridade, distribuindo moedas de ouro pelo povo aquando dos cortejos reais, mas até estas ações têm o objetivo principal de se ostentar.

4. Crítica à Igreja: Hipocrisia e Práticas Retrógradas

4.1. Contradições no comportamento religioso

Ao longo da obra é feita uma forte crítica à Igreja Católica através da exposição das contradições existentes entre os valores cristãos defendidos por esta instituição e os comportamentos reais dos seus representantes. Ao longo da obra, o clero surge frequentemente associado ao luxo, à ostentação e à imoralidade, afastando-se dos princípios de humildade e simplicidade característicos da doutrina cristã.

Uma das críticas mais evidentes relaciona-se com o luxo excessivo associado às figuras religiosas. Enquanto o povo vive na pobreza e no sofrimento, os altos representantes da Igreja deslocam-se rodeados de riqueza e aparato:

“acompanha-o o enviado do papa numa liteira toda forrada de veludo carmesim com passamanes de ouro, dourados também os painéis, e ricamente, com as armas cardinalícias de um lado e do outro, traz um coche de respeito, que não leva ninguém dentro, só o respeito, mais uma estufa para o estribeiro e para o secretário doméstico, e também o capelão que leva a cauda quando a cauda tem de ser levada, e vêm dois coches castelhanos a deitar por fora capelães e pajens, e à frente da liteira doze lacaios, que somando a isto tudo os cocheiros e liteireiros é uma multidão para servir um cardeal só, quase íamos esquecendo o criado que lá vai adiante com a maça de prata”⁷

A descrição exagerada e detalhada permite evidenciar a incoerência entre a mensagem cristã de humildade e o comportamento luxuoso do alto clero. A ironia utilizada por Saramago reforça a crítica à vaidade e ao excesso presentes numa instituição que deveria valorizar a pobreza e a simplicidade.

Além disso, denuncia-se a hipocrisia moral de vários membros do clero, sobretudo ao nível do comportamento sexual:

“foi o caso que certo clérigo, costumeiro em andar por casas de mulheres de bem fazer e ainda melhor deixar que lhes façam, satisfazendo os apetites do estômago e desenfadando os da carne, e sempre pontualmente dizendo sua missa, quando lá lhe parecia alçava levando os bens que lhe estavam à mão”⁸

⁷ Ibid., pp. 89-90

⁸ Ibid., p. 88

Esta passagem evidencia a dualidade de comportamento dos representantes religiosos, capazes de conciliar práticas moralmente condenáveis com o exercício das funções religiosas. O facto de o padre continuar a celebrar missa normalmente demonstra a ausência de verdadeiro compromisso moral.

A crítica estende-se também aos conventos femininos e à relação entre freiras e membros da nobreza:

“Agora sairão as freiras de Santa Mónica em extrema indignação, insubordinando-se contra as ordens de el-rei de que só pudessem falar nos conventos a seus pais, filhos, irmãos e parentes até segundo grau, com o que pretende sua majestade pôr cobro ao escândalo de que são causa os freiráticos, nobres e não nobres, que frequentam as esposas do Senhor e as deixam grávidas no tempo de uma ave-maria, que o faça D. João V, só lhe fica bem, mas não um joão-qualquer ou um josé-ninguém”⁹

A expressão “esposas do Senhor” acentua a ironia da situação, já que mulheres dedicadas à vida religiosa mantêm relações amorosas e sexuais, frequentemente toleradas ou ocultadas pela própria instituição.

A crítica culmina na associação entre religião, sexualidade e poder político feita através do discurso de D. João V:

“bem sabeis como as monjas são esposas do Senhor, é uma verdade santa, pois a mim como a Senhor me recebem nas suas camas, e é por ser eu o Senhor que gozam e suspiram segurando na mão o rosário”¹⁰

Nesta passagem, verifica-se uma completa banalização do sagrado. A religião surge subordinada ao prazer e ao poder, revelando a degradação moral tanto da Igreja como da própria monarquia.

⁹ Ibid., pp. 99-100

¹⁰ Ibid., p. 170

4.2. Corrupção e imoralidade do clero

A Igreja surge frequentemente representada como uma instituição repressiva, violenta e dominada pelo abuso de poder.

A atuação da Inquisição constitui um dos exemplos mais significativos dessa corrupção. O Santo Ofício é apresentado como um organismo capaz de manipular a verdade e condenar indivíduos através da violência e da tortura:

“bem sabem que, querendo o Santo Ofício, são más todas as razões boas, e boas todas as razões más, e quando umas e outras faltem, lá estão os tormentos da água e do fogo, do potro e da polé, para fazê-las nascer do nada e à discrição” ¹¹

Esta passagem evidencia o carácter arbitrário da Inquisição. A verdade deixa de ter importância, uma vez que qualquer acusação pode ser fabricada através da tortura. Desta forma, denuncia-se uma instituição que utiliza a religião como instrumento de medo e repressão.

A violência exercida pelo Santo Ofício torna-se ainda mais evidente nas descrições dos cárceres inquisitoriais:

“ouviu-a um preso do Santo Ofício, no seu fundo cárcere, e estando perto um guarda lhe jogou as mãos à garganta e o esganou, por este assassinio não terá pior morte” ¹²

A brutalidade desta cena demonstra a desumanização associada ao funcionamento da Inquisição. A instituição responsável pela defesa da moral cristã é apresentada como responsável por atos de extrema violência.

Além disso, evidencia-se a desigualdade social protegida tanto pela Igreja como pelo poder político:

“Castiguem-se lá os negros e os vilões para que não se perca o valor do exemplo, mas honre-se a gente de bem e de bens, não lhe exigindo que pague as dívidas contraídas”

¹³

Nesta crítica, percebe-se que a justiça não é aplicada de forma igualitária. Os pobres e marginalizados são severamente castigados, enquanto os grupos privilegiados beneficiam de proteção e impunidade.

¹¹ Ibid., p. 221

¹² Ibid., p. 179

¹³ Ibid., p. 207

A Igreja surge igualmente como uma força oposta ao progresso científico e intelectual:

“Um balão é nada, respondeu o padre, voe agora a máquina e talvez que o Santo Ofício considere que há arte demoníaca nesse voo” ¹⁴

A possibilidade de a passarola ser considerada demoníaca demonstra o carácter retrógrado da instituição religiosa, incapaz de aceitar novas formas de conhecimento.

A crítica torna-se particularmente irónica quando se afirma:

“se não seria justo, afinal, dizer que só um santo seria capaz de inventar a inquisição e outro santo a modelação das almas” ¹⁵

A ironia presente nesta frase desmonta completamente a imagem de santidade associada à Igreja, apresentando-a como uma instituição baseada no controlo, na repressão e no medo.

¹⁴ Ibid., p. 211

¹⁵ Ibid., p. 358

4.3. O fanatismo religioso

A religião surge frequentemente associada à violência, ao sofrimento físico e à irracionalidade coletiva.

Uma das manifestações mais evidentes do fanatismo religioso encontra-se nas procissões de penitência:

“Os penitentes vão de grilhões enrolados às pernas, ou suportam sobre os ombros grossas barras de ferro, passando por cima delas os braços como crucificados, ou desferem para as costas chicotadas com as disciplinas, feitas de cordões em cujas pontas estão presas bolas de cera dura, armadas de cacos de vidro, e estes que assim se flagelam é que são o melhor da festa porque exibem verdadeiro sangue que lhes corre da lombeira” ¹⁶

A descrição extremamente violenta transforma a procissão num espetáculo de sofrimento físico. A dor surge associada à ideia de purificação espiritual, revelando uma religiosidade marcada pelo exagero e pela obsessão penitencial.

O fanatismo religioso atinge o ponto máximo nos autos de fé organizados pela Inquisição:

“estando já passados quase dois anos que se queimaram pessoas em Lisboa, está o Rossio cheio de povo, duas vezes em festa por ser domingo e haver auto de fé, nunca se chegará a saber de que mais gostam os moradores, se disto, se das touradas” ¹⁷

A comparação entre os autos de fé e as touradas demonstra a banalização da violência e do sofrimento humano. A execução pública transforma-se num espetáculo coletivo apreciado pela população.

A brutalidade destas cerimónias é reforçada através da descrição das execuções:

“foram açoitados os que esse castigo haviam tido por sentença, queimadas as duas mulheres, uma primeiramente garrotada por ter declarado que queria morrer na fé cristã, outra assada viva por perseverança contumaz até na hora de morrer” ¹⁸

A violência física exercida em nome da religião evidencia a contradição entre os princípios cristãos e as práticas da Inquisição.

¹⁶ Ibid., p. 31

¹⁷ Ibid., p. 52

¹⁸ Ibid., pp. 56-57

O comportamento da multidão demonstra igualmente a dimensão coletiva do fanatismo:

“Grita o povinho furiosos impropérios aos condenados, guincham as mulheres debruçadas dos peitoris, alanzoam os frades”¹⁹

A população participa ativamente na humilhação dos condenados, revelando a influência da mentalidade religiosa dominante sobre a sociedade.

Por fim, critica-se uma religiosidade excessivamente centrada na aparência e na ostentação:

“condene-me Deus se não declarar que melhor vestem as bestas do que os homens que as vêem passar, e isto é sendo o Corpo de Deus, trouxe cada um no seu próprio corpo o que de melhor tinha em casa, a roupinha de ver ao Senhor, que tendo-nos feito nus só vestidos nos admite à sua presença, vá lá a gente entender este deus ou a religião que lhe fizeram”²⁰

Nesta reflexão irónica, questiona-se uma religião baseada na exterioridade, no espetáculo e nas aparências, em vez da verdadeira espiritualidade.

¹⁹ Ibid., p. 54

²⁰ Ibid., p. 163

5. Poder Político vs. Poder Religioso

5.1. A aliança entre o rei e a Igreja

O rei e a Igreja surgem constantemente associados numa relação de benefício mútuo: a Igreja legitima o poder absoluto do monarca, enquanto a Coroa protege os interesses e privilégios religiosos. Desta forma, constrói-se uma sociedade dominada pela autoridade, pelo fanatismo e pela submissão do povo.

A origem da construção do convento de Mafra representa claramente essa aliança entre ambas as instituições. A promessa de D. João V surge diretamente ligada à intervenção religiosa na tentativa de garantir descendência ao casal real:

“Perguntou el-rei, É verdade o que acaba de dizer-me sua eminência, que se eu prometer levantar um convento em Mafra terei filhos, e o frade respondeu, Verdade é, senhor, porém só se o convento for franciscano, e tornou el-rei, Como sabeis, e frei António disse, Sei, não sei como vim a saber, eu sou apenas a boca de que a verdade se serve para falar, a fé não tem mais que responder, construa vossa majestade o convento e terá brevemente sucessão, não o construa e Deus decidirá.”²¹

Nesta passagem, verifica-se que a religião funciona como instrumento legitimador do poder régio. O nascimento de um herdeiro deixa de depender apenas da natureza ou da medicina e passa a surgir associado à intervenção divina. Em troca dessa “ajuda”, o rei compromete-se a financiar uma grandiosa construção religiosa, revelando a proximidade de interesses entre a monarquia e a Igreja.

A própria cerimónia da colocação da primeira pedra do convento revela a dimensão política e religiosa deste projeto:

“Chegou el-rei pelas oito horas e meia, já tomado o chocolate matinal, serviu-o por suas próprias mãos o visconde, e então se formou a procissão, à frente sessenta e quatro religiosos arrábidos, depois o clero da terra, a cruz patriarcal, seis homens de opas roxas, os músicos, capelões de sobrepelizes, grande cópia de clérigos vários, um espaço livre a preparar o que aí vinha, e eram os cônegos de pluviais de tela branca e outras bordadas, adiante de cada um deles os seus criados nobres, empós, sustentando-lhes as caudas, os caudatários, e atrás o patriarca com preciosos paramentos e mitra do maior custo, adornada de pedras do Brasil, depois el-rei com a sua corte, juiz e vereadores da terra, corregedor da

²¹ Ibid., p. 12

comarca, e grande número de gente, passante três mil, se não se enganou quem a contou, e tudo isto por causa de uma simples pedra” ²²

A descrição exagerada da cerimónia evidencia o espetáculo de poder criado pela união entre Igreja e monarquia. O luxo, os símbolos religiosos e a presença das autoridades políticas servem para reforçar a grandiosidade do rei e da própria instituição religiosa.

A relação de dependência entre ambos os poderes torna-se ainda mais evidente perante a ameaça do Santo Ofício. Apesar da autoridade absoluta de D. João V, reconhece-se a enorme influência da Inquisição:

“Mas, estando el-rei do nosso lado, o Santo Ofício não irá contra o gosto e a vontade de sua majestade, El-rei, sendo caso duvidoso, só fará o que o Santo Ofício lhe disser que faça.” ²³

Esta passagem demonstra que o poder religioso consegue, em determinadas situações, sobrepor-se ao próprio poder régio. Embora o rei proteja certos indivíduos, a decisão final continua dependente da vontade inquisitorial.

A fusão entre autoridade política e autoridade religiosa atinge o ponto máximo no discurso profundamente irónico atribuído a D. João V:

“E eu, vosso rei, de Portugal, Algarves e o resto, que devotamente vou segurando uma destas sobredouradas varas, vede como se esforça um soberano para guardar, no temporal e no espiritual, pátria e povo, bem podia eu ter mandado em meu lugar um criado, um duque ou um marquês a fazer as vezes, porém, eis-me em pessoa, e também em pessoa os infantes meus manos e senhores vossos, ajoelhai, ajoelhai lá, porque vai passando a custódia e eu vou passando, Cristo vai dentro dela, dentro de mim a graça de ser rei na terra” ²⁴

Nesta passagem, o rei coloca-se simbolicamente ao lado de Cristo, confundindo o poder político com o poder divino. A ironia do narrador denuncia a vaidade régia e a instrumentalização da religião como forma de legitimação do absolutismo.

A crítica torna-se ainda mais evidente quando se observa o impacto dessa aliança sobre o povo. Enquanto rei e Igreja acumulam riqueza e prestígio, milhares de trabalhadores sofrem e morrem na construção do convento:

²² Ibid., p. 145

²³ Ibid., p. 211

²⁴ Ibid., p. 170

“Agora mesmo se lembrou de que, afinal, nunca foi a Mafra, que estranha coisa, constrói-se um convento porque nasceu Maria Bárbara, cumpre-se o voto porque Maria Bárbara nasceu, e Maria Bárbara não viu, não sabe, não tocou com o dedinho rechonchudo a primeira pedra, nem a segunda, não serviu com as suas mãos o caldo dos pedreiros, não aliviou com bálsamo as dores que Sete-Sóis sente no coto do braço quando retira o gancho, não enxugou as lágrimas da mulher que teve o seu homem esmagado” ²⁵

Através desta reflexão, evidencia-se que a grandiosidade religiosa e política assenta diretamente sobre o sofrimento humano. O convento de Mafra transforma-se, assim, num símbolo da opressão produzida pela união entre monarquia absoluta e Igreja Católica.

²⁵ Ibid., p. 349

5.2. O papel da Inquisição Portuguesa e do Santo Ofício

A Inquisição é a principal força antagonística da obra, sendo retratada como a inimiga do conhecimento, do progresso científico e da liberdade de pensamento.

Esta é mais prevalente na história do Padre Bartolomeu de Gusmão, em que o medo de ser acusado de heresia o leva a dismantelar a sua máquina voadora, a fugir do país e, eventualmente, à loucura. A destruição da invenção, que representa o sonho, a ambição e o desejo de liberdade, simboliza o controlo da Inquisição sobre estes mesmos direitos.

O Santo Ofício surge também como um instrumento de repressão social e moral. Através da tortura, dos autos-de-fé e da condenação pública, impõe o medo e mantém a população na ignorância e submissão.

A perseguição não se limita aos intelectuais acusados de heresia: cristãos-novos, judeus e acusados de bruxaria são igualmente punidos, como é o caso de Sebastiana Maria de Jesus, mãe de Blimunda. Trata-se de uma justiça arbitrária, de acordo apenas com os desejos dos condenadores de incriminar os suspeitos:

“Dos julgamentos do Santo Ofício não se fala aqui, que esse tem bem abertos os olhos, em vez de balança um ramo de oliveira, e uma espada afiada onde a outra é romba e com bocas.”²⁶

Esta passagem em particular reflete esta crítica, comparando a justiça comum, dos homens, à do Santo Ofício. Em vez da tradicional espada e balança – que simbolizam, respetivamente, a força que justamente exerce a lei e a ponderação cuidada antes da tomada de decisões – o Santo Ofício empunha uma espada afiada, destinada a torturar em vez de julgar, e um ramo de oliveira que, ao contrário do seu tradicional significado pacífico, se trata da primeira lenha da fogueira dos Autos de Fé. Em vez de cega, esta justiça tem “bem abertos os olhos”, condenando sem qualquer imparcialidade.

Ao mesmo tempo, é também evidenciada a ligação entre o poder religioso e o poder político. Enquanto D. João V investe na grandiosa construção do Convento de Mafra, a Inquisição assegura a obediência do povo através do medo e da defesa rígida da ortodoxia católica.

²⁶ Ibid., p. 207

5.3. Repressão e Violência: os Autos de Fé

Na obra, os Autos de Fé representam o auge da repressão exercida pela Inquisição, funcionando como uma ameaça constante ao longo de toda a narrativa. Mais do que cerimônias religiosas, eram espetáculos públicos marcados pela violência e pela crueldade, onde a população assistia à tortura e condenação de pessoas à fogueira como forma de entretenimento.

Constituíam, na época, o principal método de controlo social de que o Santo Ofício dispunha, sendo que o medo de denúncias anónimas e as perseguições constantes levavam muitas pessoas a confessarem crimes falsos apenas para evitar o sofrimento provocado pela tortura:

“bem sabem que, querendo o Santo Ofício, são más todas as razões boas, e boas todas as razões más, e quando umas e outras faltem, lá estão os tormentos da água e do fogo, do potro e da polé, para fazê-las nascer do nada e à discrição”²⁷

Assim, os Autos de Fé eram utilizados como demonstrações públicas de poder, reforçando a autoridade religiosa e política diante do povo, sendo que o apoio da monarquia às brutalidades cometidas em nome da fé era claramente evidenciado pela presença da família real nestes espetáculos tenebrosos:

“El-rei, com os infantes seus manos e suas manas infantas, jantará na Inquisição depois de terminado o auto de fé, e estando já aliviado do seu incómodo honrará a mesa do inquisidor-mor, soberbíssima de tigelas de caldo de galinha, de perdigões, de peitos de vitela, de pastelões, de pastéis de carneiro com açúcar e canela, de cozido à castelhana com tudo quanto lhe compete, e açafroado, de manjar-branco, e enfim doces fritos e frutas do tempo. Mas é tão sóbrio el-rei que não bebe vinho, e porque a melhor lição é sempre o bom exemplo, todos o tomam, o exemplo, o vinho não”²⁸

Por outro lado, o ambiente de terror por eles provocado contribuía também para favorecer o fortalecimento do absolutismo de D. João V e o monarca, ultimamente, tomava sempre o partido do Santo Ofício.

Por fim, os Autos de Fé desempenham também um papel importante na estrutura da obra, acompanhando a trajetória de Baltasar e Blimunda. O primeiro coincide com o encontro do casal e com o início da construção do Convento de Mafra, enquanto o último marca a morte de Baltazar e o encerramento da narrativa. Desta forma, os autos tornam-se

²⁷ Ibid., p. 211

²⁸ Ibid., p. 53

não só símbolo da opressão religiosa e política, mas também elementos fundamentais na evolução da história.

5.4. O Povo: Miséria, Sofrimento e Exploração

Durante a obra, a opulência da corte de D. João V contrasta propositadamente a miséria e sofrimento do povo, que vive num constante estado de medo, fome e doença.

A construção do Convento de Mafra surge como símbolo dessa desigualdade: longe de ser apresentada como um feito glorioso, é retratada como uma obra megalómana que consome a vida e a dignidade de milhares de trabalhadores anónimos.

Nesta, homens são arrancados das suas terras e famílias e obrigados a trabalhar em condições brutais, muitas vezes sofrendo mutilações ou morrendo durante o transporte das enormes pedras.

Os súbditos são tratados pelo monarca como simples instrumentos ao serviço da sua ambição, sacrifícios necessários para a conclusão do seu projeto glorioso. É evidenciada, assim, uma distinta indiferença à perda de vidas comuns:

“não há diferença nenhuma entre cem homens e cem formigas, leva-se isto daqui para ali porque as forças não dão para mais, e depois vem outro homem que transportará a carga até à próxima formiga, até que, como de costume, tudo termina num buraco, no caso das formigas lugar de vida, no caso dos homens lugar de morte, como se vê não há diferença nenhuma”²⁹

A guerra da Sucessão Espanhola representa outra faceta desta indiferença. Homens são recrutados à força e enviados para combater, arcando com as consequências físicas e psicológicas de um conflito que só beneficia os monarcas de cada país:

“em que sente a mão como se ainda a tivesse na ponta do braço e não quer roubar a si próprio a felicidade de se achar inteiro e completo como inteiros e completos se hão de sentar Carlos e Filipe em seus tronos, afinal haverá para os dois, quando a guerra acabar”³⁰

Paralelamente, a Igreja e a Inquisição mantêm o seu controle através de perseguições e Autos de Fé, onde são perdidas inúmeras vidas. No entanto, os condenados pertencem unicamente ao povo, sendo a hipocrisia e imoralidade das classes superiores propositadamente ignoradas.

Assim, Baltasar representa o povo oprimido, vendo-se obrigado a trabalhar nas condições lastimáveis da obra de Mafra, depois de ter perdido uma mão na guerra, e acabando por morrer arbitrariamente às mãos da Inquisição.

No entanto, como a passagem abaixo revela, todo este sofrimento não tem um propósito concreto, não resultando a guerra numa paz duradoura ou chegando a perseguição dos hereges a um fim:

²⁹ Ibid., p. 128

³⁰ Ibid., p. 39

“Na guerra de João perdeu a mão Baltazar, na guerra da Inquisição perdeu Blimunda a mãe, nem João ganhou, que feitas as pazes ficámos como dantes, nem ganhou a Inquisição, que por cada feiticeira morta nascem dez, sem contar os machos, que também não são poucos”³¹

Deste modo, a narrativa evidencia como os mais desfavorecidos são constantemente explorados pelo Estado e pela Igreja despropositadamente. O destino trágico de Baltazar simboliza a destruição de um povo sacrificado pelos interesses do poder político e religioso.

³¹ Ibid., p. 119

6. Conclusão

A análise de Memorial do Convento permite compreender de que forma José Saramago constrói uma forte crítica à sociedade portuguesa do século XVIII, evidenciando a relação de dependência entre o poder político e o poder religioso. Ao longo da obra, D. João V surge como símbolo de um absolutismo marcado pelo luxo, pelo desperdício e pela vaidade, utilizando a riqueza do ouro brasileiro para afirmar o seu prestígio pessoal através de obras monumentais como o Convento de Mafra.

Ao mesmo tempo, a Igreja e o Santo Ofício aparecem associados à repressão, ao medo e ao controlo social. A Inquisição é apresentada como uma instituição violenta e arbitrária, capaz de condenar, torturar e perseguir indivíduos em nome da fé. Os autos de fé demonstram o fanatismo religioso existente na época e a banalização da violência perante o sofrimento humano.

A obra evidencia ainda a hipocrisia existente tanto na monarquia como no clero. Enquanto defendem valores religiosos e morais, muitos dos representantes da Igreja e do poder político comportam-se de forma contraditória, entregando-se ao luxo, à corrupção e aos prazeres pessoais. Desta forma, Saramago denuncia a utilização da religião como instrumento de legitimação do poder e de submissão do povo.

Por outro lado, destaca-se também o sofrimento das classes populares, exploradas na construção do convento e constantemente sacrificadas em benefício da grandiosidade régia e religiosa. Através de personagens como Baltasar e Blimunda, o autor dá voz ao povo anónimo, normalmente esquecido pela História oficial.

Conclui-se, assim, que Memorial do Convento ultrapassa a dimensão de simples romance histórico, constituindo-se como uma profunda crítica social, política e religiosa. Através da ironia e da crítica constante às instituições, José Saramago questiona o abuso de poder, a intolerância e o fanatismo, mostrando as consequências humanas da aliança entre a monarquia absoluta e a Igreja.

7. Bibliografia

CRUZ, R, SOUSA, I., TAVARES, B., & PINHEIRO, D. *Marca a página, Português | 12º ano*. 1.ª edição. Porto Editora, 2023.

Estudo Autónomo - *Tema e Visão Crítica em Memorial do Convento*. Disponível em: <https://estudoautonomo.dge.mec.pt/sites/default/files/inline-files/transcricao.pdf>.

Recursos Porto Editora - Disponível em: <https://recursos.portoeditora.pt/recurso?id=22038063>.

RTP ENSINA - *A crítica de José Saramago ao reinado de D. João V*. Lisboa: RTP Ensina. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/a-critica-de-jose-saramago-ao-reinado-de-d-joao-v/>.

RTP ENSINA - *João V, um reinado de ouro*. Lisboa: RTP Ensina. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/joao-v-um-reinado-de-ouro/>.

Scribd - *Crítica Social em Memorial do Convento*, Disponível em: <https://pt.scribd.com/presentation/33185689/Analise-Memorial-do-Convento-critica-social-a-i-greja>.

8. Anexo 1

P. 12 - “Perguntou el-rei, É verdade o que acaba de dizer-me sua eminência, que se eu prometer levantar um convento em Maфра terei filhos, e o frade respondeu, Verdade é, senhor, porém só se o convento for franciscano, e tornou el-rei, Como sabeis, e frei António disse, Sei, não sei como vim a saber, eu sou apenas a boca de que a verdade se serve para falar, a fé não tem mais que responder, construa vossa majestade o convento e terá brevemente sucessão, não o construa e Deus decidirá..”

P. 12-13 - “É virtuoso este frade, e o bispo respondeu, Não há outro que mais o seja na sua ordem. Então D. João, o quinto do seu nome, assim assegurado sobre o mérito do empenho, levantou a voz para que claramente o ouvisse quem estava e o soubessem amanhã cidade e reino, Prometo, pela minha palavra real, que farei construir um convento de franciscanos na vila de Maфра se a rainha me der um filho no prazo de um ano a contar deste dia em que estamos, e todos disseram, Deus ouça vossa majestade, e ninguém ali sabia quem iria ser posto à prova, se o mesmo Deus, se a virtude de frei António, se a potência do rei, ou, finalmente, a fertilidade dificultosa da rainha.”

P. 14-15 - “Esta é a cama que veio da Holanda quando a rainha veio da Áustria, mandada fazer de propósito pelo rei, a cama, a quem custou setenta e cinco mil cruzados, que em Portugal não há artífices de tanto primor, e, se houvesse, sem dúvida ganhariam menos. A desprevidado olhar nem se sabe se é de madeira o magnífico móvel, coberto como está pela armação preciosa, tecida e bordada de florões e relevos de ouro, isto não falando do dossel que poderia servir para cobrir o papa.”

P. 15 - “Lá na cama do rei estão outros à espera do seu quinhão de sangue, que não acham nem pior nem melhor que o restante da cidade, azul ou natural”

P. 16 - “São meandros do inconsciente real, como aqueles outros sonhos que sempre D. Maria Ana tem, vá lá explicá-los, quando el-rei vem ao seu quarto, que é ver-se atravessando o Terreiro do Paço para o lado dos açougues, levantando a saia à frente e patinhando numa lama aguada e pegajosa que cheira ao que cheiram os homens quando descarregam, enquanto o infante D. Francisco, seu cunhado, cujo antigo quarto agora ocupa, alguma assombração lhe ficando, dança em redor dela, empoleirado em andas, como uma cegonha negra. Também deste sonho nunca deu contas ao confessor, e que contas saberia ele dar-lhe por sua vez, sendo, como é, caso omisso no manual da perfeita confissão”

P. 17 - “Também D. João V sonhará esta noite. Verá erguer-se do seu sexo uma árvore de Jessé, frondosa e toda povoada dos ascendentes de Cristo, até ao mesmo Cristo, herdeiro de todas as coroas, e depois dissipar-se a árvore e em seu lugar levantar-se, poderosamente, com altas colunas, torres sineiras, cúpulas e torreões, um convento de franciscanos, como se pode reconhecer pelo hábito de frei António de S. José, que está abrindo, de par em par, as portas da igreja. Não é vulgar em reis um temperamento assim, mas Portugal sempre foi bem servido deles”

P. 30 - “Vai sair a procissão de penitência. Castigámos a carne pelo jejum, maceremo-la agora pelo açoite. Comendo pouco purificam-se os humores, sofrendo alguma coisa escovam-se as costuras da alma. Os penitentes, homens todos, vão à cabeça da procissão, logo atrás dos frades que transportam os pendões com as representações da Virgem e do Crucificado. Seguinte a eles aparece o bispo debaixo do pálio rico, e depois as imagens nos andores, o regimento interminável de padres, confrarias e irmandades, todos a pensarem na salvação da alma, alguns convencidos de que a não perderam, outros duvidosos enquanto se não acharem no lugar das sentenças, porventura um deles pensando secretamente que o mundo está louco desde que nasceu.”

P. 31 - “Os penitentes vão de grilhões enrolados às pernas, ou suportam sobre os ombros grossas barras de ferro, passando por cima delas os braços como crucificados, ou desferem para as costas chicotadas com as disciplinas, feitas de cordões em cujas pontas estão presas bolas de cera dura, armadas de cacos de vidro, e estes que assim se flagelam é que são o melhor da festa porque exibem verdadeiro sangue que lhes corre da lombeira, e clamam estrepitosamente, tanto pelos motivos que a dor lhes dá como de óbvio prazer”

P. 37 - “Este que por desafrontada aparência, sacudir da espada e desparelhadas vestes, ainda que descalço, parece soldado, é Baltasar Mateus, o Sete-Sóis. Foi mandado embora do exército por já não ter serventia nele, depois de lhe cortarem a mão esquerda pelo nó do pulso, estraçalhada por uma bala em frente de Jerez de los Caballeros, na grande entrada de onze mil homens que fizemos em outubro do ano passado e que se terminou com perda de duzentos nossos”

P. 39 - “em que sente a mão como se ainda a tivesse na ponta do braço e não quer roubar a si próprio a felicidade de se achar inteiro e completo como inteiros e completos se hão de sentar Carlos e Filipe em seus tronos, afinal haverá para os dois, quando a guerra acabar”

P. 41 - “conseguiu acomodar os pés, se pelo contrário não ia sacrificá-los em bolhas e roeduras, tão antigo era o hábito de andarem descalços, em sua vida de paisano, ou, no tempo militar, quando a impedimenta nem para jantar tinha sola, quanto mais para botas. Não há pior vida que a do soldado”

P. 51 - “Apesar de já ir no quinto mês, ainda sofre dos enjoos naturais, que, no entanto, também não bastariam a desviar-lhe a devoção e os sentidos de vista, ouvido e cheiro da solene cerimónia, tão levantadeira das almas, ato tão de fé, a procissão compassada, a descansada leitura das sentenças, as descaídas figuras dos condenados, as lastimosas vozes, o cheiro da carne estalando quando lhe chegam as labaredas e vai pingando para as brasas a pouca gordura que sobejou dos cárceres”

P. 52 - “juntando-se no Rossio para ver justicar a judeus e cristãos-novos, a hereges e feiticeiros, fora aqueles casos menos correntemente qualificáveis, como os de sodomia, molinismo, reptizar mulheres e solicitá-las, e outras miuçalhas passíveis de degredo ou fogueira”

P. 52 - “estando já passados quase dois anos que se queimaram pessoas em Lisboa, está o Rossio cheio de povo, duas vezes em festa por ser domingo e haver auto de fé, nunca se chegará a saber de que mais gostam os moradores, se disto, se das touradas, mesmo quando só estas se usarem”

P. 53 - “El-rei, com os infantes seus manos e suas manas infantas, jantará na Inquisição depois de terminado o auto de fé, e estando já aliviado do seu incómodo honrará a mesa do inquisidor-mor, soberbíssima de tigelas de caldo de galinha, de perdigões, de peitos de vitela, de pastelões, de pastéis de carneiro com açúcar e canela, de cozido à castelhana com tudo quanto lhe compete, e açafroado, de manjar-branco, e enfim doces fritos e frutas do tempo. Mas é tão sóbrio el-rei que não bebe vinho, e porque a melhor lição é sempre o bom exemplo, todos o tomam, o exemplo, o vinho não”

P. 54 - “Grita o povinho furiosos improperios aos condenados, guincham as mulheres debruçadas dos peitoris, alanzoam os frades, a procissão é uma serpente enorme que não cabe direita no Rossio e por isso se vai curvando e recurvando como se determinasse chegar a toda a parte ou oferecer o espetáculo edificante a toda a cidade”

P. 55 - “enquanto não vai corporalmente acabar em Angola, para onde irá degredado por toda a vida, e esta sou eu, Sebastiana Maria de Jesus, um quarto de crista-nova, que tenho

visões e revelações, mas disseram-me no tribunal que era fingimento, que ouço vozes do céu, mas explicaram-me que era efeito demoníaco, que sei que posso ser santa como os santos o são, ou ainda melhor, pois não alcanço diferença entre mim e eles, mas repreenderam-me de que isso é presunção insuportável e orgulho monstruoso, desafio a Deus, aqui vou blasfema, herética, temerária, amordaçada para que não me ouçam as temeridades, as heresias e as blasfêmias, condenada a ser açoitada em público e a oito anos de degredo no reino de Angola, e tendo ouvido as sentenças, as minhas e mais de quem comigo vai nesta procissão, não ouvi que se falasse da minha filha, é seu nome Blimunda”

P. 56-57 - “Já passou Sebastiana Maria de Jesus, passaram todos os outros, deu volta inteira a procissão, foram açoitados os que esse castigo haviam tido por sentença, queimadas as duas mulheres, uma primeiramente garrotada por ter declarado que queria morrer na fé cristã, outra assada viva por perseverança contumaz até na hora de morrer, diante das fogueiras armou-se um baile, dançam os homens e as mulheres, el-rei retirou-se, viu, comeu e andou, com ele os infantes, recolheu-se ao paço no seu coche puxado a seis cavalos, guardado pela sua guarda, a tarde desce depressa, mas o calor sufoca ainda, sol de garrote, sobre o Rossio caem as grandes sombras do convento do Carmo, as mulheres mortas são descidas sobre os tições para se acabarem de consumir, e quando já for noite serão as cinzas espalhadas, nem o Juízo Final as saberá juntar, e as pessoas voltarão às suas casas, refeitas na fé, levando agarrada à sola dos sapatos alguma fuligem, pegajosa poeira de carnes negras, sangue acaso ainda viscoso se nas brasas não se evaporou. Domingo é o dia do Senhor, verdade trivial, porque dele são todos os dias, e a nós nos vêm gastando os dias se em nome do mesmo Senhor não nos gastaram mais depressa as labaredas, por duplicada violência, que é a de me queimarem quando por minha razão e vontade recusei ao dito Senhor ossos e carne, e o espírito que me sustenta o corpo, filho de mim e de mim, cópula direta de mim comigo mesmo, infuso do mundo sobre o rosto escondido, igual ao mostrado e por isso ignorado. No entanto, é preciso morrer”

P. 61 - “Não há em Portugal trigo que baste ao perpétuo apetite que os portugueses têm de pão, parece que não sabem comer outra coisa, por isso os estrangeiros que cá moram, doridos das nossas necessidades, que em maior volume frutificam que sementes de abóbora, mandam vir, das suas próprias e outras terras, frotas de cem navios carregados de cereal, como estes que entraram agora Tejo adentro, salvando à torre de Belém e mostrando ao governador dela os papéis do uso, e desta vez são mais de trinta mil moios de pão que vêm da Irlanda, e é a abundância tal, fome que finalmente deu em fartura, enquanto em fome se não tornar, que, achando-se cheias as tercenas e também já os

armazéns particulares, andam por aí a alugar depósitos por todo o dinheiro, e põem escritos nas portas da cidade para que conste às pessoas que os tiverem para alugá-los, com que desta vez se vão arrepiar os que mandaram vir o trigo, obrigados pelo excesso a baixar-lhe o preço”

P. 64 - “Não te sei dizer, mas, tardando, talvez eu possa dizer uma palavra a sua majestade, que me distingue com a sua estima e proteção”

P. 67 - “se não fosse a proteção de el-rei não sei o que seria de mim, mas el-rei acreditou na minha máquina e tem consentido que, na quinta do duque de Aveiro, a S. Sebastião da Pedreira, eu faça os meus experimentos, enfim já me deixam respirar um pouco os maldizentes, que chegaram ao ponto de desejar que eu partisse as pernas quando me lançasse do castelo, sendo certo que nunca eu tal coisa prometera, e que a minha arte tinha mais que ver com a jurisdição do Santo Ofício que com a geometria”

P. 87 - “por exemplo, aqueles soldados dos regimentos da Beira de quem dissemos que desertaram para o inimigo, não desertaram, antes foram para onde lhes dariam de comer, e outros houve que fugiram para as suas casas, se isso é traição, é o que está sempre a suceder, quem quiser soldados para entregar à morte há de ao menos dar-lhes de comer e de vestir”

P. 88 - “foi o caso que certo clérigo, costumeiro em andar por casas de mulheres de bem fazer e ainda melhor deixar que lhes facam, satisfazendo os apetites do estômago e desenfadando os da carne, e sempre pontualmente dizendo sua missa, quando lá lhe parecia alçava levando os bens que lhe estavam à mão, e tantas fez que um dia a ofendida, a quem muito mais se tirara do que o tudo que dera, tirou ela ordem de prisão”

P. 88-89 - “viram entrar o padre resfolgando, em figura de inocente Adão, mas tão carregado de culpas, sacudindo badalo e guizos, à uma apareceu, às duas se escondeu, às três nunca mais foi visto, que nesse passe de magia deu a diligencia dos padres que o recolheram e deram fuga pelos telhados, já vestido, nem isto é sucesso que cause estranheza, se em cestos içam os franciscanos de Xabregas mulheres para dentro das celas e com elas se gozam, por seu próprio pé subia este padre a casa das mulheres que lhe apeteciam o sacramento”

P. 89-90 - “acompanha-o o enviado do papa numa liteira toda forrada de veludo carmesim com passamanes de ouro, dourados também os painéis, e ricamente, com as armas

cardinalícias de um lado e do outro, traz um coche de respeito, que não leva ninguém dentro, só o respeito, mais uma estufa para o estribeiro e para o secretário doméstico, e também o capelão que leva a cauda quando a cauda tem de ser levada, e vêm dois coches castelhanos a deitar por fora capelães e pajens, e à frente da liteira doze lacaios, que somando a isto tudo os cocheiros e liteiros é uma multidão para servir um cardeal só, quase íamos esquecendo o criado que lá vai adiante com a maça de prata”

P. 91 - “descem ao Rossio depois de cear, mas as tochas são poucas desta vez, ou o vento as apagou, o que importa é que já lá tem o cardeal o seu barrete, dormirá com ele à cabeceira, e se a meio da noite se levantar da cama para o contemplar sem testemunhas, não recriminemos este príncipe da Igreja porque todos somos homens pela banda do orgulho, e um barrete de cardeal, vindo por mão própria de Roma e de propósito feito, se não anda aqui experimentação maliciosa da modéstia dos grandes, é porque afinal merece inteira confiança a humildade deles, humildes realmente são se lavam pés a pobres, como fez e fará o cardeal, como fizeram e farão o rei e a rainha, ora tem Baltasar as solas rotas e os pés sujos, primeira condição para que o cardeal ou rei se ajoelhem um dia diante dele, com toalhas de linho, bacias de prata e água de rosas, desde que a outra condição Baltasar satisfaça, que é a de ser ainda mais pobre do que até agora conseguiu ser, e à condição terceira, que é escolherem-no por virtuoso e cliente da virtude”

P. 92 - “El-rei foi a Mafra escolher o sítio onde há de ser levantado o convento. Ficará neste alto a que chamam da Vela, daqui se vê o mar, correm águas abundantes e dulcíssimas para o futuro pomar e horta, que não hão de os franciscanos de cá ser de menos que os cistercienses de Alcobaça em primores de cultivo, a S. Francisco de Assis lhe bastaria um ermo, mas esse era santo e está morto.”

P. 97-98 - “de el-rei não falemos, que sendo tão moço ainda gosta de brinquedos, por isso protege o padre, por isso se diverte tanto com as freiras nos mosteiros e as vai emprenhando, uma após outra, ou várias ao mesmo tempo, que quando acabar a sua história se hão de contar por dezenas os filhos assim arrançados”

P. 99-100 - “Agora sairão as freiras de Santa Mónica em extrema indignação, insubordinando-se contra as ordens de el-rei de que só pudessem falar nos conventos a seus pais, filhos, irmãos e parentes até segundo grau, com o que pretende sua majestade pôr cobro ao escândalo de que são causa os freiráticos, nobres e não nobres, que frequentam as esposas do Senhor e as deixam grávidas no tempo de uma ave-maria, que o faça D. João V, só lhe fica bem, mas não um João-qualquer ou um José-ninguém”

P. 101 - “Outra contrariedade esperada é o auto de fé, não para a Igreja, que dele aproveita em reforço piedoso e outras utilidades, nem para el-rei que, tendo saído no auto senhores de engenho brasileiros, aproveita da fazenda deles, mas para quem leva seus açoites, ou vai degredado, ou é queimado na fogueira, vá lá que desta vez saiu relaxada em carne só uma mulher, não será muito o trabalho de lhe pintar o retrato na igreja de S. Domin-gos, ao lado de outros chamuscados, assados, dispersos e varridos, que parece impossível como não serve de escarmento a uns o suplício de tantos, porventura gostarão os homens de sofrer ou estimam mais a convicção do espírito do que a preservação do corpo, Deus não sabia no que se metia quando criou Adão e Eva”

P. 102 - “mais os registos que sempre ficam apesar de incêndios e terremotos, ficou memória do que viram a quem viram, queimados ou penitentes, a preta de Angola, o mulato da Caparica, a freira judia, os religiosos que diziam missa, confessavam e pregavam sem terem ordens para tal, o juiz de fora de Arraiolos com partes de cristão-novo por ambas as vias, ao todo cento e trinta e sete pessoas, que o Santo Ofício, podendo, lança as redes ao mundo e trá-las cheias, assim peculiarmente praticando a boa lição de Cristo quando a Pedro disse que o queria pescador de homens”

P. 117-118 - "Haviam sido terras de cultivo, agora estão abandonadas. As extremas que ainda se mantêm visíveis, as sebes, os caniçados, os valados já não separam propriedades. Tudo isto pertence ao mesmo dono, a el-rei, que se ainda não pagou, pagará, que lá de boas contas é ele, faça-se-lhe essa justiça. João Francisco Sete-Sóis está à espera da sua parte, pena que não fosse tudo dele, ficava rico, até agora alcançam as escrituras de venda trezentos e cinquenta e oito mil e quinhentos réis, e com o andar dos tempos, ao que isto ainda está para crescer, passará de quinze milhões de réis, número que pesa muito nas fracas cabeças populares, por isso traduziremos em quinze contos e quase cem mil réis, um poder de dinheiro. Se o negócio é bom ou mau, isso depende, que o dinheiro não tem sempre o mesmo valor, ao contrário dos homens, que sempre valem o mesmo, tudo e coisa nenhuma. E o convento, vai ser coisa grande, perguntara Baltasar ao cunhado, e este respondeu, Primeiro falou-se em treze frades, depois subiu para quarenta, agora já andam os franciscanos da albergaria e da capela do Espírito Santo a dizer que hão de ser oitenta"

P. 118 - “Estas pedras são o primeiro alicerce do convento, alguém por ordem de el-rei mandou que as talhassem, pedras portuguesas afeiçoadas por portuguesas mãos, que ainda tempo não é de virem os Garvos milaneses a governar os alvenéis e canteiros que aqui se juntarão.”

P. 119 - “Outro modo é estarem ele e ela longe um do outro, nem te sei nem te conheço, cada qual em sua corte, ele Lisboa, ela Viena, ele dezanove anos, ela vinte e cinco, e casaram-nos por procuração uns tantos embaixadores, viram-se primeiro os noivos em retratos favorecidos, ele boa figura e pelescurita, ela roliça e brancaustríaca, e tanto lhes fazia gostarem-se como não, nasceram para casar assim e não doutra maneira, mas ele vai desferrar-se bem, não ela, coitada, que é honesta mulher, incapaz de levantar os olhos para outro homem, o que acontece nos sonhos não conta”

P. 119 - “Na guerra de João perdeu a mão Baltasar, na guerra da Inquisição perdeu Blimunda a mãe, nem João ganhou, que feitas as pazes ficámos como dantes, nem ganhou a Inquisição, que por cada feiticeira morta nascem dez, sem contar os machos, que também não são poucos”

P. 120 - “claro está, que ideia, uma rainha a tamborilar e a repenicar, põem-se em ala os alabardeiros, e estando as ruas sujas, como sempre estão, por mais avisos e decretos que as mandem limpar, vão à frente da rainha os mariolas com umas tábuas largas às costas, sai ela do coche e eles colocam as tábuas no chão, é um corrupio, a rainha a andar sobre as tábuas, os mariolas a levá-las de trás para diante; ela sempre no limpo, eles sempre no lixo, parece a rainha nossa senhora Nosso Senhor Jesus Cristo quando caminhou sobre as águas”

P. 122 - “nem parece aquele galante homem que derruba freiras com um gesto, e quem diz freiras diz as que o não são, ainda o ano passado teve uma francesa um filho da sua lavra”

P. 123 - “Se desta melancolia, que tão gravemente atormenta sua majestade. não houver remédio, e quiser Deus que tão cedo lhe acabe a vida terrenal para mais cedo principiar a eterna, eu poderia, como irmão que vem a seguir, portanto de família chegada, cunhado e virtude, eu poderia, ousar dizer, subir ao trono e, de caminho, méritos de homem posso garantir que não sou menos que meu de vossa majestade e mui dedicado servidor de vossa beleza ao vosso leito, casando nós em boa e canónica forma, que por irmão, ora essa, Ora essa, que conversa tão imprópria de cunhados, el-rei ainda está vivo e, pelo poder das minhas preces, se Deus mas ouve, não morrerá, para maior glória do reino, tanto mais que para a conta dos seis filhos que está escrito terei dele, ainda faltam três, Porém, vossa majestade sonha comigo quase todas as noites, que eu bem no sei, É verdade que sonho, são fraquezas de mulher guardadas no meu coração e que nem ao confessor confesso, mas, pelos vistos, vêm ao rosto os sonhos, se assim mos adivinham, Então, morrendo meu

irmão, casamos, Se esse for o interesse do reino, e se daí não vier ofensa a Deus nem dano à minha honra, casaremos, Prouvera que ele morra, que eu quero ser rei e dormir com vossa majestade, já estou farto de ser infante”

P. 128 - “não há diferença nenhuma entre cem homens e cem formigas, leva-se isto daqui para ali porque as forças não dão para mais, e depois vem outro homem que transportará a carga até à próxima formiga, até que, como de costume, tudo termina num buraco, no caso das formigas lugar de vida, no caso dos homens lugar de morte, como se vê não há diferença nenhuma”

P. 134 - “mais ainda se forem anos, então veremos uma grande cidade de tábuas, maior que DMaфра, quem viver verá, a isto e outras coisas, por agora bastem os toscos aposentos para neles descansarem os ossos os fatigados homens do alvião e da enxada, não tarda que toquem as cornetas, que também cá está a tropa, já não anda a morrer na guerra, e o que faz é guardar estas grosseiras legiões, ou ajudar onde não sofra a farda desdouro, em verdade mal se distinguem os guardas dos guardados, rotos uns, rasgados outros. O céu está cinzento e pérola para o lado do mar, mas, por cima dos cabeços que o defrontam, espalha-se lentamente uma cor de sangue aguado, depois vivo e vivíssimo, e em pouco virá o dia, oiro e azul, que a estação corre formosa”

P. 145 - “Chegou el-rei pelas oito horas e meia, já tomado o chocolate matinal, serviu-o por suas próprias mãos o visconde, e então se formou a procissão, à frente sessenta e quatro religiosos arrábidos, depois o clero da terra, a cruz patriarcal, seis homens de opas roxas, os músicos, capelões de sobrepelizes, grande cópia de clérigos vários, um espaço livre a preparar o que aí vinha, e eram os cónegos de pluviais de tela branca e outras bordadas, adiante de cada um deles os seus criados nobres, empós, sustentando-lhes as caudas, os caudatários, e atrás o patriarca com preciosos paramentos e mitra do maior custo, adornada de pedras do Brasil, depois el-rei com a sua corte, juiz e vereadores da terra, corregedor da comarca, e grande número de gente, passante três mil, se não se enganou quem a contou, e tudo isto por causa de uma simples pedra, juntou-se aqui um poder de mundo, clarins e timbales atroando os ares superiores e inferiores, e a tropa de cavalaria e infantaria, mais a guarda alemã, e outra vez o povo, muito povo, tanto povo, nunca a vila de Maфра vira tal ajuntamento, porém, não cabendo todos na igreja, entram os grandes, e dos pequenos só os que cabem e tiveram artes de insinuar-se”

P. 146 - “repare como as escorámos com a boa madeira do Brasil por maior fortaleza”

P. 147 - “Agora despachem-se com isto, há mais de seis anos que fiz o voto, não estou para andar com os franciscanos à perna todo o tempo, então o nosso convento, por causa do dinheiro não sejam os atrasos, gasta-se o que for preciso. Mas em Lisboa dirá o guarda-livros a el-rei, Saiba vossa real majestade que na inauguração do convento de Mafra se gastaram, números redondos, duzentos mil cruzados, e el-rei respondeu, Põe na conta, disse-o porque ainda estamos no princípio da obra, um dia virá em que quereremos saber, Afinal, quanto terá custado aquilo, e ninguém dará satisfação dos dinheiros gastos, nem faturas, nem recibos, nem boletins de registo de importação, sem falar de mortes e sacrifícios, que esses são baratos”

P. 159 - “Desce o povo ao Terreiro do Paço, a ver os preparos da festa, e não está mal, não senhor, com esta colunata de sessenta e uma colunas e catorze pilares, que não têm menos de oito metros de altura, e em extensão excede o arranjo os seiscentos metros, só de frontispícios são quatro, e não têm conto as figuras, os medalhões, as pirâmides e mais ornatos. Começa o povo a apreciar o novo aparato, que por aqui se não fica, basta olhar essas ruas, todas toldadas, e os mastros que sustentam os toldos são enfeitados de seda e ouro, e os medalhões, que dos ditos toldos se dependuram, dourados, tendo de um lado o Sacramento entre resplendores e do outro o brasão do patriarca, isto uns, quanto aos outros, levam os brasões do Senado da Câmara, E as janelas, olha-me estas janelas, tem razão quem o disse, regalam-se os olhos nas cortinas e sanefas de damasco carmesim, franjado de ouro, Nunca tal víramos, já o povo se está meio conformando, tiraram-lhe uma festa, outra lhe darão, não é fácil decidir com qual delas se perde ou ganha, se calhar é consoante, por alguma razão disseram já os ourives do ouro que vão iluminar todo o arruamento, e talvez seja por razão igual que estão cobertas de sedas e damascos as cento e quarenta e nove colunas dos arcos da Rua Nova, porventura serão maneiras de vender, hoje assim, amanhã pior”

P. 160 - “vai pisando a areia encarnada e as ervas que alcati-fam o pavimento, trazidas pelos saloios, em modo tal que nunca se viu cidade mais limpa, esta que, no geral dos dias, não tem igual em sujidade”

P. 162 - “E então que começa a sair a procissão. Vêm à frente as bandeiras dos ofícios da Casa dos Vinte e Quatro, primeiro que todas a dos carpinteiros, representando S. José, que desse ofício foi oficial, e as mais insígnias, grandes painéis, cada um com seu santo figurado, feitos de damasco brocado e com bordaduras de ouro, e tão excessivos de tamanho que são precisos quatro homens para sustentá-los, revezando-se com outros quatro, folgando ora uns ora outros, ainda bem que não está vento, é ao compasso da

andadura que balouçam os cordões de ouro e seda, e as borlas do mesmo metal, suspensas das pontas refulgentes das varas. Atrás vem a imagem de S. Jorge, com todo o seu estado, os tambores a pé, os trombeteiros a cavalo, rufando uns, outros soprando”

P. 163 - “condene-me Deus se não declarar que melhor vestem as bestas do que os homens que as vêem passar, e isto é sendo o Corpo de Deus, trouxe cada um no seu próprio corpo o que de melhor tinha em casa, a roupinha de ver ao Senhor, que tendo-nos feito nus só vestidos nos admite à sua presença, vá lá a gente entender este deus ou a religião que lhe fizeram”

P. 167 - “passou a primeira comunidade, quem eram aqueles, não vi, não reparei, frades eram, terceiros de S. Francisco de Jesus, capuchinhos, religiosos de S. João de Deus, franciscanos, carmelitas, dominicanos, cistercienses, jesuítas de S. Roque e de Santo Antão, com tantos nomes e cores se esvai a cabeça e a retentiva, é a altura de comer o farnel trazido ou o alimento comprado, e enquanto se vai comendo vai-se falando do que já passou, as cruces douradas, as mangas de bofes, os lenços brancos, as casacas compridas, as meias altas, os sapatos de fivela, os tufos, as toucas, as saias rodadas, os mantos de fantasia, as golas de renda, os casaquinhos, só os lírios do campo não sabem fiar nem tecer e por isso estão nus, se Deus quisesse que assim andássemos teria feito homens líliais”

P. 170 - “bem sabeis como as monjas são esposas do Senhor, é uma verdade santa, pois a mim como a Senhor me recebem nas suas camas, e é por ser eu o Senhor que gozam e suspiram segurando na mão o rosário”

P. 170 - “virem as freiras de Odivelas cantar o Bendito ao quarto de Paula quando estivermos deitados, antes, durante e depois, ámen.”

P. 170 - “E eu, vosso rei, de Portugal, Algarves e o resto, que devotamente vou segurando uma destas sobredouradas varas, vede como se esforça um soberano para guardar, no temporal e no espiritual, pátria e povo, bem podia eu ter mandado em meu lugar um criado, um duque ou um marquês a fazer as vezes, porém, eis-me em pessoa, e também em pessoa os infantes meus manos e senhores vossos, ajoelhai. ajoelhai lá, porque vai passando a custódia e eu vou passando, Cristo vai dentro dela, dentro de mim a graça de ser rei na terra, ganhará qual dos dois, o que for de carne para sentir, eu, rei e varrasco, bem sabeis como as monjas são esposas do Senhor, é uma verdade santa, pois a mim como a Senhor me recebem nas suas camas, e é por ser eu o Senhor que gozam e

suspiram segurando na mão o rosário, carne mística, misturada, confundida, enquanto os santos no oratório apuram o ouvido às ardentes palavras que debaixo do sobrecéu se murmuram, sobrecéu que sobre o céu está, este é o céu e não há melhor, e o Crucificado deixa pender a cabeça para o ombro, coitado, talvez dorido dos tormentos, talvez para melhor poder ver Paula quando se despe, talvez ciumento de se ver roubado desta esposa, flor de claustro perfumada de incenso, carne gloriosa, mas enfim, depois eu saio e lá lhe fica, se emprenhou, o filho é meu, não vale a pena mandar anunciar outra vez, vêm aí atrás os cantores entoando motetes e hinos sacros, e isso me está fazendo nascer uma ideia, não há como os reis para as terem, as ideias, senão como reinariam, virem as freiras de Odivelas cantar o Bendito ao quarto de Paula quando estivermos deitados, antes, durante e depois, amen”

P. 174 - “Mora o padre cerca do paço, e ainda bem, pois muito o frequenta, não tanto por obrigações firmes do seu título de capelão fidalgo, mais honorífico que efetivo, mas por lhe querer bem el-rei, que ainda não perdeu de todo as esperanças, e já vão onze anos passados, por isso pergunta, benévolo, Verei voar a máquina um dia, ao que o padre Bartolomeu Lourenço, honestamente, não pode responder mais do que isto, Saiba vossa majestade que a máquina um dia voará, Mas estarei cá para ver, Viva vossa majestade nem tanto quanto viveram os antigos patriarcas do Testamento velho, e não só verá voar a máquina, como nela voará. Parece ter seu quê de impertinente a resposta, mas el-rei não faz reparo, ou reparou e usa de indulgência, ou o distrai lembrar-se de que vai assistir à lição de música de sua filha, a infanta D. Maria Bárbara, isto terá sido, faz um sinal ao padre para que se junte ao séquito, nem todos se podem gabar destes favores”

P. 174 - “por nascer uma criança em Lisboa levanta-se em Mafra um montanhão de pedra e vem de Londres contratado Domenico Scarlatti”

P. 179 - “ouviu-a um preso do Santo Ofício, no seu fundo cárcere, e estando perto um guarda lhe jogou as mãos à garganta e o esganou, por este assassínio não terá pior morte”

P. 195 - “está Lisboa atormentada de uma grande doença, morrem pessoas em todas as casas, lembrei-me de que não teremos melhor ocasião para recolher as vontades dos moribundos, se as conservam ainda, mas é meu dever avisar-te de que correrás grandes perigos, não vais se não quiseses, nem eu te obrigaria, ainda que obrigar-te estivesse na minha mão, Que doença é essa, Dizem que foi trazida por uma nau do Brasil e que primeiro se manifestou na Ericeira. A minha terra fica perto, disse Baltasar, e o padre respondeu, Não há notícia de ter morrido gente em Mafra, mas, sobre a doença, pelos sinais que dá, é

vômito negro ou febre-amarela, o nome importa pouco, o caso é que estão morrendo como tordos”

P. 197 - “Por toda a parte se queimava alecrim para afastar a epidemia, nas ruas, nas entradas das casas, principalmente nos quartos dos doentes, ficava o ar azulado de fumo, e cheiroso, nem parecia a fétida cidade dos dias saudáveis.”

P. 197 - “parece impossível que ainda morra gente, havendo tanto remédio e tanta salvaguarda, alguma irreparável falta, aos olhos de Deus, terá Lisboa cometido para virem a morrer nesta epidemia quatro mil pessoas em três meses, o que representa mais de quarenta cadáveres para enterrar todos os dias”

P. 207 - “Dos julgamentos do Santo Ofício não se fala aqui, que esse tem bem abertos os olhos, em vez de balança um ramo de oliveira, e uma espada afiada onde a outra é romba e com bocas.”

P. 207 - “Castiguem-se lá os negros e os vilões para que não se perca o valor do exemplo, mas honre-se a gente de bem e de bens, não lhe exigindo que pague as dívidas contraídas,”

P. 211 - “Um balão é nada, respondeu o padre, voe agora a máquina e talvez que o Santo Ofício considere que há arte demoníaca nesse voo,”

P. 211 - “lá estão os tormentos da água e do fogo, do potro e da polé, para fazê-las nascer do nada e à discrição,”

P. 211 - “bem sabem que, querendo o Santo Ofício, são más todas as razões boas, e boas todas as razões más, e quando umas e outras faltem, lá estão os tormentos da água e do fogo, do potro e da polé, para fazê-las nascer do nada e à discrição”

P. 211 - “Mas, estando el-rei do nosso lado, o Santo Ofício não irá contra o gosto e a vontade de sua majestade, El-rei, sendo caso duvidoso, só fará o que o Santo Ofício lhe disser que faça.”

P. 249 - “o único imperador que tem, deveras, o globo mundo em sua mão”

P. 249 - “faz o infante D. Henrique fraca figura comparado com este D. João, quinto já se sabe de seu nome na tabela dos reis, sentado numa cadeira de braços de pau-santo”

P. 291 - “Entre Pêro Pinheiro e Mafra gastaram oito dias completos. Quando entraram no terreiro, foi como se estivessem chegando duma guerra perdida, sujos, esfarrapados, sem riquezas. Toda a gente se admirava com o tamanho desmedido da pedra, Tão grande. Mas Baltasar murmurou, olhando a basílica, Tão pequena.”

P. 308 - “provando o seu amor paternal e real, ao chamar a virem auxiliá-lo seus filhos D. José e D. Maria Bárbara. (...) o que conta é o espectáculo, está meia corte reunida para assistir ao brinquedo dos infantes”

P. 308 - “agora dela ficando apenas dito que, coitada, a desfiguraram muito as bexigas, mas têm as princesas tanta sorte que não perdem casamento por serem bexigosas e feias, assim convenha à coroa do senhor seu pai.”

P. 349 - “Agora mesmo se lembrou de que, afinal, nunca foi a Mafra, que estranha coisa, constrói-se um convento porque nasceu Maria Bárbara, cumpre-se o voto porque Maria Bárbara nasceu, e Maria Bárbara não viu, não sabe, não tocou com o dedinho rechonchudo a primeira pedra, nem a segunda, não serviu com as suas mãos o caldo dos pedreiros, não aliviou com bálsamo as dores que Sete-Sóis sente no coto do braço quando retira o gancho, não enxugou as lágrimas da mulher que teve o seu homem esmagado,”

P. 349 - “Ai as culpas de Maria Bárbara, o mal que já fez, só porque nasceu, nem é preciso ir muito longe, bastam aqueles quinze homens que além vão”

P. 358 - “Mas, nisto de santidades, há-as para todos os gostos. Quer-se um santo dedicado ao trabalho da horta e ao cultivo da letra, temos S. Bento. Quer-se outro de vida austera, sábia e mortificada, avance S. Bruno.”

P. 358 - “se não seria justo, afinal, dizer que só um santo seria capaz de inventar a inquisição e outro santo a modelação das almas.”